

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE O SER HUMANO NA RELAÇÃO COMO CORPO E A AUTO-IMAGEM DE ADOLESCENTES.

Ivanir Glória de Campos

Especialista em Educação Física Pela Gama Filho- RJ
Mestre em Educação Física pela Univ. de Ribeirão Preto SP

Resumo

O objetivo deste estudo de intervenção na escola foi realizar um trabalho de pesquisa com o tema corpo, abrangendo conhecimentos sobre o histórico de como o corpo vem sendo tratado ao longo da história, culturas corporais, transformações, sacrifícios, costumes, modismo e a influência da mídia sobre o corpo na sociedade de consumo. Perceber como os chamados “valores capitalistas” que padronizam os corpos, impõem modelos corporais que interferem na auto-imagem e no bem-estar das pessoas. Foram aplicados questionários para avaliar a auto-imagem, os sentimentos de cobrança social e as sensações de sofrimento percebidas pelos alunos em relação ao seu corpo. Os resultados demonstraram que a auto-imagem de estudantes está comprometida com distorções de grau leve, moderado e grave. Percebeu-se também o sentimento de cobrança da sociedade em relação ao corpo e sofrimento pessoal por não ter o corpo igual ao padronizado pela mídia. Estes resultados demonstram a importância de aprofundar este estudo nas escolas, oportunizando as pessoas a se conhecerem melhor e perceber as influências do meio em seu bem estar, como também a sua responsabilidade no processo de contribuir com a contra-cultura corporal nesta sociedade capitalista.

Palavras chaves: Corpo. Mídia. Auto-imagem.

The influence of the Media upon the Human Being in the relationship with the body and the Teenagers Self-image

Abstract

The aim of this school intervention study was to carry out a paper of theoretical research with the theme body, comprising some knowledge about the historical of how the body has been treated throughout history, bodily culture, transformations, sacrifices, customs, idioms and the influence of the media upon the body in the consumption society. Realizing how the so called “capitalist values” that standardize the bodies, inflict body models which interfere in the people’s self-image and well-being. Questionnaires have been used to evaluate the self-image, the feelings of social billing and the feelings of suffering noticed by the students towards their bodies. The outcomes showed that the self-image of the students is impaired with distortions of light, moderate and severe degrees. It was also noticeable the society’s billing feeling towards the body and personal suffering for not having the body that the media standardizes. These results show the importance of deepening this study in the schools, giving people the opportunity to know themselves better and realize the influence of the surroundings in their well-

being, as well as their responsibility in the process of contributing to the bodily counter-culture in this capitalist society.

Key words: Body. Media. Self-image.

INTRODUÇÃO

Na cultura capitalista atual, marcada por valores dominantes como competição, consumismo e individualismo, o Ser humano está se tornando cada vez mais narcisista sendo que o corpo está posto como objeto, mercadoria, consumo, aparência, instrumento de trabalho para gerar lucro ao capital, sujeito as leis do mercado.

Para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra, é fundamental que o Ser Humano tenha boa auto-estima e auto-imagem, e numa sociedade, influenciada pela mídia, que dita o padrão de beleza, rotula os corpos, prejudica a auto-estima e auto-imagem do Ser Humano, prejudicando a constituição subjetiva do sujeito e seu processo de ensino-aprendizagem.

Esta intervenção, envolvendo pesquisa teórica e investigação através de questionários, discute o impacto da influência da mídia sobre o Ser humano em relação ao seu corpo e a relação com a auto-imagem de adolescentes, bem como a influência que isto acarreta sobre a auto-imagem destas pessoas, com o objetivo de intervir com propostas pedagógicas nas escolas, visando desmistificar estes padrões estabelecidos ao longo da história, fazendo com que o ser humano viva em processo de metamorfose corporal, conforme o interesse do sistema dominante. Além disso, também se quer oportunizar reflexões a respeito do corpo como um Ser historicamente construído, como indivíduo e como coletivo, na construção do Sujeito e de sua relação com o mundo.

MARCAS NO CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA.

O ser humano ao longo da história tem sofrido marcas profundas em todas as suas dimensões. Marcas estas que carregamos até nossos dias, de forma muito acentuada e registrada no inconsciente coletivo. Corpo que foi queimado, esquartejado, torturado, moldado, modelado, docilizado, escravizado, canonizado, apedrejado, explorado, fragmentado etc.

Foucault (1998, p.150-151) nos mostra que “no início das sociedades industriais, instaurou-se um aparelho punitivo, um dispositivo de seleção entre os normais e os anormais”. Percebe-se o grande esforço de disciplinarização e de normatização. Estas, servindo sempre ao capital. Quanto mais os corpos fossem *disciplinados e normatizados*, maior seria a facilidade de dominação, de lucro e de adaptação ao sistema vigente.

Brandl Neto (1998, p.28) enfatiza que “a dominação sempre teve como base o corpo. Quando se domina o corpo, fica fácil atuar sobre ele. O poder sempre agiu assim. Não permitiu ao corpo se manifestar”. Salientando que quando o fez, “foi marcada por grandes lutas, conquistas e tragédias”.

Bucci; Kehl (2004, p.178), estudiosos da videologia, citam que as sociedades burguesas, desde o século XIX, consideram o corpo como propriedade privada e de responsabilidade individual. Que o corpo vestido das sociedades burguesas representava ascensão, respeito. Representava ser uma pessoa honesta, confiável. Hoje o corpo “malhado, sarado, siliconado, limita-se a confirmar. Sou um corpo malhado e siliconado”.

Foucault (2000), em seu livro vigiar e punir aborda o que ocorria com o corpo dos condenados, o suplício que lhe era infligido, as punições corporais atroztes que ocorriam: “...corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo” (p.12). Cita que a partir do século XIX desaparece o espetáculo da punição física e o corpo supliciado é escamoteado; exclui-se do castigo a encenação da dor e entra-

se na época da sobriedade punitiva. O autor estudou os métodos punitivos a partir de uma “tecnologia política do corpo, onde é historicamente percebido a “relação comum de poder e das relações de objeto” (p.24). O autor cita que nessa linha, Rusche e Kirchheimer estabeleceram a relação entre os vários regimes punitivos e os sistemas de produção em que se efetuam, e concluem que numa *economia servil*, os mecanismos teriam que estar envolvidos com mão de obra suplementar e constituir uma *escravidão servil*, ao passo que numa época em que a moeda e a produção estão pouco desenvolvidas, assistiu-se um crescimento dos castigos corporais, sendo o corpo na maioria dos casos o único bem acessível, a *casa de correções*. Com o surgimento do sistema industrial, o mercado exigia mão de obra livre, diminuíram os mecanismos de punições, sendo substituídos por detenções com finalidade corretiva. Foucault acrescenta ainda que o corpo está mergulhado num campo político. “As relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (p. 25). Cita que este investimento político do corpo está ligado por relações complexas com a questão econômica, com a força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação. Como força de trabalho o corpo deve estar preso num sistema de sujeição onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado. O corpo só se torna útil se for produtivo e submisso. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p.118). Os métodos que permitem controlar o corpo, que realizam a sujeição constante de sua força e lhe impõe a relação de docilidade e utilidade são o que se pode denominar de disciplinas, sendo que a disciplina aumenta as forças do corpo em termos econômicos de utilidade e diminui essa mesma força em termos políticos. Processos estes, que há muito tempo existem nos conventos, nos exércitos , etc. Estão presentes também em escolas, hospitais, e outros locais.

Quando se observa os jovens, percebe-se que os ideais estão como que anestesiados, os jovens se encontram apáticos em relação a crer na possibilidade de mudanças sócias. Segundo FERNANDES (2005, p.13),

“o corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento...alta frustração. Alvo do ideal de completude e perfeição, veiculado na pós modernidade, o corpo parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da boa forma e da saúde perfeita, como estandarte de uma época marcada pela linearidade anestesiada dos ideais”.

O corpo está se constituindo como fonte de sofrimento, de frustração e de insatisfação, e para Fernandes (2005, p.14), na clínica psicanalítica, se encontra presente de forma acentuada a questão corporal. O corpo como “estandarte de um ideal de perfeição que se busca freneticamente alcançar”. Este mesmo corpo hoje é “apontado como fonte de frustração e sofrimento, constituindo-se como o meio de expressão do mal-estar contemporâneo”.

CORPO, MÍDIA E SOCIEDADE DE CONSUMO

A mídia na contemporaneidade está diretamente relacionada aos veículos de comunicação e está presente em vários espaços, entre eles “televisão, rádio, internet,... se encontra também nos corredores de bate papo, nas cartas manuscritas, nos meios impressos e até na utilização de um acessório como a lousa dentro de um ambiente escolar” (APOSTÓLICO, 2006, p.45-46).

Sabemos que os meios de comunicação são na sua grande maioria tendenciosos, não divulgam as notícias com imparcialidade e geralmente se colocam a serviço da classe dominante e do capital. Ao mesmo tempo em que publicam uma notícia sobre o corpo visando à saúde e o bem-estar, publicam inúmeras promovendo a doença, seja física ou psíquica. Promovem a doença física, com incentivo ao fumo, ao álcool, a práticas e intervenções cirúrgicas visando à estética e provavelmente servindo a

grandes empresas que vendem produtos, medicamentos, próteses etc. Ainda se pode citar o incentivo a prostituição em alguns programas, novelas entre outros. É do conhecimento popular que grande maioria que procura a prostituição o faz por desestrutura familiar, falta de recursos financeiros, dentre outros motivos, e encontra aí uma saída financeira imediata, em um país onde o desemprego cresce assustadoramente e o salário mínimo não alimenta uma pessoa de forma digna. O corpo consumo, o corpo mercadoria, incorporado por modelos que se encontra dentro dos padrões de beleza que a mídia canoniza, e fazem o papel de prostitutas nos programas televisivos, tenta nos passar a mensagem que aquela é uma maneira maravilhosa de se viver. Não demonstra a violência que existe nesta profissão, pois nela acontece a exploração corporal, a objetualização deste corpo, o sofrimento psíquico, a violência física e as doenças sexualmente transmissíveis.

No contexto atual, onde as pessoas estão sofrendo psiquicamente por não se encontrar nos padrões de beleza que a mídia nos impõe, por falta de condições financeiras para as práticas corporais modificadoras, ou por não conseguir atingir este padrão, se sente excluída, marginalizada, ridicularizada. Nesta ridicularização, podemos citar o que é feito com as pessoas gordas, com as pessoas idosas, com as pessoas consideradas feias pelo modelo padrão, bastando apenas uma breve análise de alguns programas apresentados por uma emissora de televisão tida como a mais popular do país.

Chauí (2006), em seu livro *Simulacro e Poder: Uma análise da mídia*, faz um estudo sobre como a mídia representa a classe dominante e como é fácil reproduzir este sistema, pois as idéias que predominam na sociedade são as da classe dominante. Já o pensamento de esquerda é difícil, pois além de desmistificar o senso comum, necessita trabalhar com a análise crítica das notícias e dos fatos. Cita ainda que o jornalismo tornou-se *protagonista da destruição da opinião pública*. Que no Jornalismo de hoje as notícias não estão demonstrando os fatos. Quem apresenta tem mais poder sobre a credibilidade dos fatos que a verdade dos fatos em si. Podemos

concluir que este processo de dá na mesma intensidade em relação à questão corporal, apresentada pelos meios de comunicação de massa. Os valores que nos são repassados possuem muito mais força que os valores que são trabalhados no contexto educacional, portanto, necessitando de um trabalho árduo e intenso da educação para desmistificar estes pseudo-valores corporais.

Segundo Apostólico (2006, p.12), a mídia possui “ingredientes que fazem parte do processo de hipnose e sedação produzidas pelas imagens”. A autora coloca que a imagem e gestos são mais facilmente apreendidos pela memória que as narrativas em si e inclui a moda como agente doutrinador da massa e entende que atualmente “a construção de um modelo de corpo onde homens e mulheres tenham formas muito semelhantes”. E que os corpos que se apresentam nas telenovelas são referências para a construção do corpo ideal.

Bucci; Kehl (2004) enfatizam que os publicitários perceberam que é possível fazer o inconsciente do consumidor trabalhar em favor do lucro. Cita que o inconsciente não é ético e nem antiético. Que o inconsciente é amoral e funciona de acordo com a lógica da realização imediata dos desejos que na verdade não é tão individual como pensamos. Diz que o desejo é social, que desejamos o que os outros desejam, ou que nos convidam a desejar. Que uma imagem publicitária considerada ideal é a que apela aos desejos inconscientes, ao mesmo tempo em que se oferece como objeto de satisfação. Esta imagem determina quais são os objetos imaginários de satisfação do desejo, e assim faz o inconsciente trabalhar para o capital. Mas o inconsciente nunca encontra toda a satisfação prometida no produto que lhe é oferecido e nesta operação quem goza é o capitalista.

Em relação à publicidade do corpo idealizado, o processo é o mesmo. O ser humano procura adquirir tudo o que as propagandas colocam como objetos de satisfação pessoal, os corpos se transformam em busca de

satisfação que na grande maioria das vezes deve gerar angústia, pois as propagandas estão servindo aos interesses do sistema capitalista daquele momento. Como um exemplo disto pode-se citar os seios das mulheres: quem possuía seios grandes realizava plástica para diminuí-los. Bastou a propaganda mudar o foco exibindo seios grandes “com silicone” para que as pessoas mudassem de opinião. A insatisfação em relação ao corpo continua permanentemente, enquanto o padrão idealizado pela mídia continua mudando. Deve-se levar em conta que mesmo estando perfeitamente dentro destes padrões não significa que o ser humano tenha um estado de satisfação plena, pois o ser humano não é somente corpo. Existem outras dimensões no ser humano que estão constantemente se transformando, evoluindo, modificando. O que é importante hoje, tido como um valor pessoal, amanhã pode não ser mais. Amanhã pode ser outro totalmente diferente. Evoluímos em todos os sentidos.

“Em plena cultura do individualismo, da independência pessoal e da liberdade (como valores dominantes), vive-se uma espécie de mais-alienação, de rendição absoluta ao brilho não exatamente dos objetos, mas da imagem dos objetos. Mais ainda: rendição ao brilho da imagem de algumas personagens públicas identificadas ao gozo que os objetos deveriam proporcionar” (BUCCI & KEHL, 2004, p. 65).

Segundo Serra (2001), tanto o conceito de adolescência estabelecido em sua dimensão psicobiológica como o determinado em seu âmbito sócio cultural, revelam-se fundamentais para demonstrar a importância do estudo nesta faixa etária, bem como possibilita a análise sob o ponto de vista técnico-científico do impacto dos novos padrões alimentares da saúde dos adolescentes. Ajuda também a compreender como os adolescentes se constituem no público alvo da mídia, no que diz respeito ao consumo de novos produtos e na adesão ao novo padrão estético corporal. Que o adolescente necessita ser desejado, querido e aceito, e manter um corpo bonito, esbelto e esguio, representa a expressão maior do erotismo/desejo, já que vive em busca da aceitação social. Cita ainda que propagandas que divulgam estereótipos de modelos famosos podem levar o adolescente a querer ter um corpo como o destes modelos desenvolvendo nele o desejo de ser e de consumir tal estilo incitando-os muitas vezes a práticas não

saudáveis. Em virtude disto, “desconhecer ou desconsiderar a presença e a influência hegemônica da mídia na formação da opinião, dos desejos, das atitudes, dos valores, dos comportamentos e da subjetividade torna-se quase impossível” (SERRA, 2001, p.7).

Segundo Santin (2002, p. 69), “os padrões estéticos corporais geram uma outra fantástica fonte de demanda social”. Há uma preocupação em manter ou adquirir a forma corporal de beleza ou de força exaltada pela sociedade. O autor citado lembra que o corpo passou por uma liberação de *tabus moralistas* que no passado eram muito forte. Que este corpo pode ser exposto para a apreciação e para o consumo, sendo que os meios de comunicação televisivos promovem a exposição de imagens corporais sedutoras que o público aprova e aceita. Estas imagens acabam se tornando um modelo perseguido pela grande maioria das pessoas. Hoje com o avanço da tecnologia, na era da informática, os computadores estão assumindo de forma bastante acentuada e rápida este papel.

Segundo Apostólico (2006), o corpo feminino por suas formas serem mais definidas, foi o escolhido para seduzir e conquistar o público na luta pela audiência e também por uma questão mercadológica. Com o grande crescimento de produtos de consumo, começa a surgir uma nova modalidade de corpo, um corpo musculoso, sarado, erotizado e disponível, e os indivíduos estão sendo conduzidos por esse caminho que é a busca da homogeneização em todos os sentidos. Ela questiona: como, em um mundo de coisas, dotado de objetos tão diversos, dessemelhantes, pode-se ter um padrão único e específico de corpo belo? E como o que era belo em um momento, num segundo poderá parecer fora do padrão?

Buci; Kehl (2004) fazem alguns questionamentos e algumas afirmativas que são importantes para reflexões acerca do corpo.

“Que corpo você está usando ultimamente? Que corpo está representando você no mercado de trocas imaginárias? E onde a imagem representa o sucesso ou insucesso do sujeito na sociedade, pergunta? Que imagem você tem oferecido ao olhar

alheio para garantir seu lugar no palco das visibilidades em que se transformou o espaço público no Brasil?" (p. 174).

Os autores enfatizam que as mensagens que a mídia nos passa nos afetam de forma sutil, inclusive no campo do trabalho: "fique atento, pois o corpo que você usa e ostenta vai dizer quem você é. Pode determinar oportunidades de trabalho. Pode significar a chance de uma rápida ascensão social" (p.174).

Quevedo (2003) demonstra que o corpo e a mente desligaram-se, desvincularam-se, de tal forma que não é mais razão que determina este projeto, mas sim a mídia. Que o corpo passa a ser um simulacro de si mesmo, inventado pela mídia e tecnologia. Que o padrão de credibilidade social que vem se instituindo ao longo da última década é mediado pela tecnologia.

Em uma pesquisa de mestrado realizada por Piana; Frade (2005), é exposto o resultado de uma pesquisa sobre as reverberações das mediações sociais, na formação dos valores estéticos corporais femininos. As autoras enfatizam que embora as múltiplas mediações sociais, pelas linguagens verbais e não verbais, desenham e exculpam no imaginário feminino, imagens e padrões ideais de beleza corporal, tais ideais, sofrem mutações sócio-culturais e históricas à mercê dos interesses econômicos e políticos, ao moldar e delinear os corpos, com características compulsórias padronizadas, mas que os sujeitos não são seduzidos, ao enredamento dos enunciados de forma totalmente ingênua. São co-participantes no processo de construção dos valores estéticos. Cabe aos sujeitos, aceitar ou não, por um processo de contra-cultura os padrões estéticos vigentes. O corpo não pode ser compreendido apenas "a partir de uma abordagem mercadológica: o corpo é identidade e expressão de subjetividade, sendo estes, fatores constituintes dos sujeitos e permeados de interferências de seus contextos sociais" (p. 3). Citam ainda que as categorias de peso adequado à altura, cabelos lisos, longos e loiros, postura elegante, roupas justas que exaltam o contorno do corpo de dimensões femininas, pele sem evidências de

manchas e etnia predominantemente branca, configura o ideal valorativo de beleza feminina de todos os mediadores sociais apresentados no trabalho, mídia, família, amigos e os próprios sujeitos. Sendo que estes padrões, de *categoria europeizadas* dominam o imaginário das adolescentes. Evidencia-se o desejo de corpos homogeneizados, enquadrados aos padrões estéticos normatizados, sócio-culturalmente valorizados, coerentemente com a perspectiva contemporânea de outros sujeitos que na busca desejosa de enquadramento ao padrão “normal”, constroem seus corpos por meio de tecnologia que seja através de práticas cotidianas no uso de cosméticos e dietas, quer seja no desejo ou na efetiva submissão a técnicas cirúrgicas. Que essa submissão do sujeito do gênero feminino aos valores estéticos não é uma dimensão apenas da contemporaneidade. Que, no entanto, a imagem corporal feminina na atualidade tem sido explorada com um valor exacerbado. Essa condição atual imposta em especial ao corpo feminino, leva os sujeitos, na busca de corpos normais ou perfeitos, a um estado de desumanização, sendo que nos caracterizamos enquanto humanos, pelas nossas diferenças. Os autores afirmam que há uma desvalorização expressiva por parte das adolescentes em relação a sua auto-imagem, quando os seus padrões estéticos não condizem com os veiculados pelo mediador social televisivo, sendo que esta desvalorização é mais intensa quando a família e os amigos também valorizam estes padrões.

As pessoas hoje estão procurando se encaixar há padrões impostos pela mídia e ao fazerem isto, estão se adaptando, obedecendo e se identificando com algo externo a elas, portanto, como acontecia há séculos, se tornando dóceis, submissas e obedientes para que tudo ande conforme o capital quer, e com isto, perdendo sua individualidade, sua singularidade, sua essência.

Bata poucas horas em frente à TV para se verificar como são tratadas as pessoas obesas. Um desrespeito ao Ser Humano que se encontra fora do padrão de beleza ditado por estes meios de comunicação. Fazem programas de humor geralmente humilhando e ridicularizando as pessoas obesas. E ainda encontram pessoas obesas que se presta ao papel

de contribuir com isto. Não se quer com isso defender a obesidade, pois todos sabem o mal que isso acarreta a saúde, mas o que se pretende é alertar que os seres humanos devem ser respeitados, independente de sua forma física.

Segundo Baudrillard (1995, p. 136), na sociedade capitalista, o estatuto geral da propriedade privada se aplica igualmente ao corpo, a prática social e a representação mental que dele se tem. As estruturas do sistema atual, da produção e do consumo induzem no sujeito uma dupla prática com seu próprio corpo, tornando-se corpo consumidor e corpo para ser consumido. Para o autor a beleza que impera hoje é universal e democrática, inscrita como direito e dever de todos nesta sociedade de consumo e se manifesta indissociável da magreza. A beleza não pode ser gorda ou magra, pesada ou esbelta como poderia ser numa definição tradicional fundada na harmonia das formas. Só pode ser magra e esbelta, em conformidade com a atual definição da lógica combinatória de signos, rotulada pela mesma economia algébrica que a funcionalidade dos objetos ou a elegância de um diagrama. Será de preferência magra e descamada no perfil dos modelos e dos manequins, que se revelam ao mesmo tempo como a negação da carne e a exaltação da moda. Para Baudrillard (1995), a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da salvação. Freud (1995, p.96) diz que “a felicidade, contudo, é algo essencialmente subjetivo” e que a ciência da estética está investigando as condições de como as coisas são sentidas como belas, mas tem sido incapaz de fornecer qualquer explicação a respeito da *“natureza e da origem da beleza”*. Diz também que a psicanálise também pouco tem dito sobre a beleza e entende que a beleza e atração são originalmente atributos do objeto sexual (p.47).

Para Bucci; Kehl (2004, p.157-158), “na sociedade do espetáculo, que é a própria sociedade do consumo, a dimensão dos ideais é dispensada a favor da dimensão do consumo”.

“Na modalidade de concorrência predatória, sociedades capitalistas dominadas pela indústria da comunicação e da imagem, são mais opressivas do que a que explorava a força braçal, o esforço, a dedicação ou a competência dos trabalhadores. A sexualidade juntamente com a beleza (reduzida a um simples material de signos que se intercambia) é que orienta hoje por toda a parte a redescoberta e o consumo do corpo. No corpo erotizado o que predomina é a função de permuta” (BUCCI; KEHL, 2004, p. 172).

Apostólico (2006) cita que o princípio de dominação e poder é favorecido por meio da televisão e da cultura de massa. Cultura esta que poderia desencadear uma sociedade puramente materialista, no entanto foram estimulados os sonhos e desejos no imaginário coletivo, o que de certa forma, redundou em um afastamento parcial das questões materiais e um retorno ao erotismo da mercadoria. Isso é claramente percebido em várias propagandas quando o objeto é ilustrado por intermédio de um corpo feminino ou masculino. Segundo o autor anteriormente citado, ao longo da história a nudez tem sido permitida ou proibida de acordo com os fatores culturais ou interesses da burguesia.

Segundo Villaça; Goés (1998), a tendência da sociedade de consumo em que vivemos é atribuir a responsabilidade pela plasticidade do corpo ao indivíduo, induzindo-o a pensar que pelo esforço e exercícios físicos ele alcançará a aparência desejada, sem levar em conta a constituição corporal. Ao alterar-se o paradigma da racionalidade moderna onde o corpo era considerado exterioridade a ser controlada, o que se vê agora é uma exacerbação desse mesmo paradigma por meio de múltiplas estratégias disciplinares que geram corpos dominadores, corpos disciplinados ou narcísicos em que o indivíduo se separa de si mesmo, mas por outro lado verifica-se a possibilidade do corpo as diversas estâncias (pessoais, interpessoais e coletivas), na produção da subjetividade em que a singularidade surge como carne e imagem, matéria e espírito, ancorado no desejo e, portanto, não dissociado. Ocorre aí um movimento de resistência ao menosprezo do corpo visto como prisão e pecado.

Baudrillard (1995) diz que o corpo transforma-se em objeto ameaçador que é preciso vigiar, reduzir e mortificar para fins estéticos, com

os olhos fixos nos modelos emagrecidos e descamados, onde é possível ver toda a agressão inversa de uma sociedade de abundância em relação ao próprio triunfalismo do corpo e de toda a recusa dos próprios princípios. A mística deste corpo perfeito e a fascinação pela magreza, exercem grande influência unicamente porque são formas de violência e fonte de sacrifício para o corpo, ao mesmo tempo entorpecido na sua perfeição e violentamente vivificado como acontece nos ritos de imolação. Este autor cita que o enfraquecimento das relações sociais, a concorrência no mundo econômico, repercute-se na sexualidade, deixando de ser fator de coesão comum, torna-se frenesi individual do lucro e por meio dessa obsessão isola cada indivíduo.

Vivemos uma época em que tudo gira em torno da imagem. Segundo Bucci; Kehl (2004), os mitos, hoje, são muito olhados. “São pura videologia” (p.16). Está sempre atendendo aos interesses do poder, mas segundo os autores, este poder não é bem o poder político, como imaginamos, nem o poder de um grupo. O poder, segundo Debord, citado pelos autores, “é a supremacia do espetáculo - a nova forma de modo de produção capitalista - sobre todas as atividades humanas” (p.20). Enfatizam que o capitalismo contemporâneo é um modo de produção de imagens. Que no século XIX o objetivo era desmascarar o caráter burguês do estado, mas, no século XXI, devemos compreender e decifrar os mecanismos pelos quais a política, a religião, a ciência, a cultura e as formas de representação que convergem para a imagem, só circulam e adquirem existência como imagem, que a tudo subordinam.

Em meio a todo este bombardeio de cobrança social pelo corpo padronizado, ainda se encontra algo singular como esta passagem de Gorz (2008, p.05):

“Você está para fazer oitenta e dois anos. Encolheu seis centímetros, não pesa mais do que quarenta e cinco quilos e continua bela, graciosa e desejável. Já faz cinquenta e oito anos que vivemos juntos, e eu amo você mais do que nunca. De novo,

carrego no fundo do meu peito um vazio devorador que somente o calor do seu corpo contra o meu é capaz de preencher”.

O EDUCANDO E A RELAÇÃO CORPO NO ESPAÇO ESCOLAR.

No espaço escolar o corpo está sempre em segundo plano. Valoriza-se muito a mente, esquecendo-se que esta dicotomia não existe (mente e corpo). Percebe-se isto, pela organização do espaço físico nas escolas, pelo número reduzido de aulas de educação física, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, pelo pouco incentivo ao teatro, danças ou outro tipo de atividades, em suma, pela pouca importância ao conteúdo que envolve as questões corporais, valores e ética.

Brandl (2002), nas suas reflexões acerca dos “paradigmas que norteiam a educação física geral e a educação física em especial neste século”, cita que

“é pressuposto básico, para que haja uma mudança significativa na educação física, o abandono urgente da visão dualista do homem (corpo-mente). Somente a partir desta mudança de paradigma (que não pode ser parcial, mas integral e efetiva) é que esta área poderá formular novas perspectivas” (BRANDL, 1998, p.64).

Santin (2002), um defensor de novos paradigmas para a educação física escolar, participando como palestrante de congressos na defesa de uma educação física baseada em valores éticos, no lúdico e na corporeidade e prevendo os novos momentos da educação física, em busca de uma identidade, cita que “... esse esforço de busca de identidade, inicialmente, se desenha com a insatisfação diante da situação a que ela fora condenada por uma antropologia anticorporal e por políticas disciplinadoras e alienantes” (p.56). Ele nos fala que para entendemos melhor o novo momento da educação física na sociedade da era pós-moderna, pode-se identificar seis (06) grandes desafios para que ela possa ir além dos limites da física, da bioquímica e da mecânica: O primeiro “surge de uma profunda revisão de teorias pedagógicas cognitivas, inspiradas no racionalismo

cartesiano, responsável pela exclusão do corpo no ato de pensar”. O segundo, “conseqüência do primeiro, leva a redesenhar o perfil da corporeidade humana”. O terceiro “situa-se no contexto das ciências”, dizendo que a educação física necessita de um referencial “epistemológico, não necessariamente baseado nas ciências modernas para fundamentar sua ação”. O quarto “manifesta-se com o compromisso social”. O quinto vinculado às práticas desportivas e o sexto “dizem respeito à corporeidade humana” (p. 56). Se observarmos, todos têm uma relação com o corpo, mas três estão diretamente relacionados ao corpo. Isto demonstra o quanto é importante para os profissionais da educação física, repensar sua prática escolar, geralmente baseada somente no esporte.

Para Fernandes (2005, p. 19), a *unicidade* do corpo se transforma em uma *multiplicidade* de corpos. “Corpo biológico, corpo filosófico, corpo histórico, corpo estético, corpo religioso, corpo social, corpo antropológico e corpo psicanalítico”.

Santin, (2002, p. 62) é de opinião que “torna-se fundamental a cultura corporal baseada no respeito a vida. O corpo não pode continuar sendo instrumento ou meio para atingir um resultado”. Ele nos lembra que “a história é testemunha de ordens sociais discriminatórias e odiosas, mas sempre em nome da preservação do ideal de humanidade” e que “hoje não estamos livres destes processos de exclusão. Apenas mudamos de modelo, não sei se menos perverso”.

Ernest-Pereira, (2005) em sua pesquisa sobre *Corpus Discursivos no Espaço escolar*, cuja finalidade foi investigar as diferentes práticas discursivas que se efetiva nas instituições escolares, cita que,

“o culto à juventude e a beleza, o privilégio da pele branca, o medo da velhice e da morte, a moda e as representações coletivas impõem cânones que só um pequeno número consegue alcançar e impedem que a maioria sinta-se a vontade em seu próprio corpo e aceite sua imagem. Historicamente, essa relação é construída através de diferentes práticas discursivas que atuam no sentido de conter os corpos. Existem na realidade, sistemas de coerção que

proíbem certos corpos – o gordo, o baixo, o negro, por exemplo-, e certas palavras e expressões que se referem, de maneira grosseira ao corpo, como as encontradas nas portas e paredes dos banheiros das escolas” (p.2).

Numa era em que tudo é responsabilidade do indivíduo, atribui-se esta responsabilidade em relação ao corpo também para o indivíduo, que se não corresponde ao modelo padrão, é atribuída a culpa total neste, rotulado como desleixado, relaxado, desorganizado, sem força de vontade etc., e isto ocorre também no espaço escolar. Aguiar (2005) cita que as pesquisas apontam que as relações no contexto escolar podem influenciar os comportamentos dos alunos e seu auto-conceito. Que os adolescentes que fogem do padrão sociais considerados normais sofrem de práticas excludentes no cotidiano escolar.

Segundo Natalie (2006, p. 65), a imagem corporal está extremamente ligada com o que se pensa e se sente de si mesmo. É como um conjunto de representações mentais e corporais acumuladas ao longo do tempo de vida. Para a construção destas imagens são considerados aspectos visuais, impressões táteis, experiências dolorosas e prazerosas permeadas por significados afetivos, culturais, relacionais e cognitivos presentes na história da vida da pessoa. Maeda (apud Natalie, 2006) diz que o distúrbio da imagem corporal tem ligação direta com o conceito geral de si. Diz que a auto-estima corresponde a satisfação do indivíduo consigo mesmo e envolve valoração que pode ser positiva ou negativa. Pessoas que aceitam bem o próprio corpo, seus limites, dificuldades e diferenças têm auto-estima mais elevada. O corpo reflete a história pessoal, fruto da subjetividade e determinante da relação do ser humano com o mundo. Este relacionamento se torna conflituoso quando o indivíduo confere importância à moda e à beleza física de poucos como se fosse possível adotar modelos idealizados como parâmetro para as massas, sem levar em conta as diferenças. Maeda ainda cita que as exigências culturais se refletem na formação de imagem corporal no psiquismo, favorecendo a obsessão pela saúde e a supervalorização física.

Quando a pessoa se sente com a auto-imagem distorcida existe um sentimento de constrangimento que pode ser observado nos alunos como forma de ansiedade social, relacionada a timidez e a vergonha, resultante da preocupação da avaliação dos outros sobre sua forma física real ou imaginária. O constrangimento pode ser percebido como o resultado da preocupação que as pessoas manifestam acerca do seu comportamento observado e o desejo de agir segundo as expectativas e os interesses dos demais. Promove insegurança e sofrimento psicológico. Por isso é preciso que os seres humanos acreditem que ainda é possível mudar. E preciso ter coragem para andar na contra mão deste trânsito maluco que é este sistema social atual. É preciso se assumir como pessoa, como ser único. Trabalhar este tema nas nossas escolas, onde temos oportunidade de intervir, embora nunca se deva esquecer a responsabilidade social que temos também fora da escola. Nosso corpo necessita se expressar de todas as formas. Utilizando-me aqui do pensamento de Brandl Neto (1998, p. 28), que para demonstrar um pouco da força que se tem quando a expressão corporal é exercida na sociedade, principalmente de forma coletiva, baseado no pensamento de Guedes, BRANDL NETO escreve:

“Penso que é o corpo que sou (e não o que tenho), assim como todos os outros, que falam o que pensam, que vão para a rua gritar seus direitos, depõem presidentes, aram lavouras, fazem greve, denunciam às diferenças, refletem a miséria pela figura da fome, que sobrevivem em meio a tanta violência e corrupção”.

Ao longo dos anos de atuação como profissional da educação, tenho percebido que há um interesse e cuidado com os conteúdos do currículo escolar, em vários campos do saber. Mas, a questão do Ser Humano, sua corporeidade como processo de auto-desenvolvimento, como processo de auto-conhecimento e auto-expressão, não tem tido a importância que deveria ter.

Santin (2001, p.14) aborda muito bem a complexidade da questão corporal. Diz que *afirmar que sou corpo, em teoria é fácil*, mas não é tão simples assim na vida prática assumir as conseqüências. Cita que geralmente as pessoas possuem restrições com seu corpo e não é raro

encontrar também quem tenha forte rejeição pelo corpo. Demonstra bem a influência da mídia, quando cita que dificilmente, especialmente depois do surgimento e exaltação das imagens televisivas, encontram-se pessoas que cultuam e cultivam o próprio corpo. Que geralmente as pessoas admitem que, são corpo, mas querem ser o corpo de outra pessoa. Mostra que “pela engenharia genética cada organismo vivo é sua corporeidade” (p. 4). O autor acredita que qualquer tentativa de *homogeneização* é vulnerável.

Cury (2005), Psiquiatra e pesquisador sobre o assunto, escreve um romance abordando a questão corporal no mundo moderno (*a ditadura da beleza*), o sofrimento psíquico de mulheres, adolescentes e até crianças que *mutilam sua auto-estima* e estão adoecendo por causa desta ditadura. Aborda também a dura vida de modelos, que se submetem a um regime de fome para conseguir a glória de estar nas passarelas, bem como o sofrimento da família quando percebe o que está ocorrendo. Um romance que retrata a realidade em que vivemos e também como são tratadas estas modelos pelas agências e pela mídia. Uma leitura de fácil entendimento, sob forma de ficção, mas que pode contribuir com informações importantes para que as pessoas possam refletir sobre o assunto.

DESENVOLVIMENTO

Metodologia

Solicitou-se autorização para a realização da pesquisa, tanto do Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu, como da direção das duas escolas envolvidas. Realizou-se uma pesquisa de campo aplicando-se dois questionários. Um foi o Body Shape Questionnaire (BSQ), para avaliar a insatisfação com a imagem corporal de alunos, voluntários, com idade entre 15 a 19 anos, estudantes de primeiros, segundos, terceiros e quartos anos do curso formação de docentes do colégio Barão do Rio Branco e alunos voluntários do colégio Ayrton Senna da Silva, da sétima e oitava série com idade entre 13 e 15 anos.

O Body Shape Questionnaire (BSQ) de COOPER et al. (1987), validado inicialmente com 535 mulheres inglesas comparadas com 38 pacientes bulímicas, mede o grau de preocupação com a forma do corpo, a auto-depreciação devido à aparência física e a sensação de estar gordo. O BSQ foi traduzido por Cordás e Neves (1999), e validado com a participação de 164 estudantes de ambos os sexos frequentando os três primeiros anos do curso de medicina da Unifesp, por DI PIETRO (2002). O instrumento consta de 34 (trinta e quatro) questões com seis opções de respostas: As respostas são marcadas, conforme as opções: 1-nunca; 2-raramente; 3-às vezes; 4-freqüentemente; 5-muito freqüente e 6-sempre. A classificação dos resultados do BSQ é dividida em quatro níveis de distorção da auto-imagem corporal. A pontuação abaixo de 80 indica ausência de distorção; pontuação entre 80 e 110 indica distorção leve, pontuação entre 110 e 140 indica distorção moderada, pontuação acima de 140 indica *grave* distorção da imagem corporal. O questionário encontra-se em anexo.

O outro questionário para avaliar a cobrança social em relação ao corpo padronizado (QSC), foi criado pela autora deste artigo, com aprovação do orientador. Ele foi testado com uma turma não participante do estudo e demonstrou consistência. Este questionário foi aplicado aos mesmos alunos citados acima e no mesmo horário. Este questionário é composto de 05 questões e nos indica a sensação de cobrança em relação ao corpo: 1- Você se sente cobrado pela família para ter o corpo igual ao dos(as) modelos corporais que aparecem na mídia? 2- Você se sente cobrado(a) pelo namorado(a) para ter um corpo igual ao dos modelos que são mostradas pela mídia? 3- Você se sente cobrado(a) pela sociedade para ter um corpo igual ao dos modelos corporais que são mostrados pela mídia? 4- Você quer ter o corpo igual ao dos modelos, que são mostrados pela mídia? 5- Você sofre por não ter o corpo igual as dos modelos que aparecem na mídia? O alunado poderia assinalar as seguintes opções: 1- nunca; 2- raramente; 3- às vezes; 4- frequentemente; 5- muito frequentemente; 6- sempre.

Logo após a aplicação do questionário, estes alunos foram orientados, ao longo do semestre, na realização de trabalhos de pesquisa sobre o que o corpo vem sofrendo ao longo da história, como: culturas

corporais, corpo sacrificado, corpo explorado, tatuagens, piercings, cirurgias plásticas e a influência da mídia sobre a pessoa em relação aos valores corporais. Os alunos desenvolveram uma pesquisa teórica que culminou com apresentações e debates. Estes mesmos alunos foram orientados a salvar imagens que aparecem na internet e em CDs sobre os temas acima citados, criando mensagens de reflexão ou frases de questionamento sobre estas. Estes alunos foram orientados a produzir poemas, desenhos e trabalhos de expressão corporal relacionados à sociedade de consumo, corpo e mídia.

O trabalho culminou com um seminário, envolvendo todos os alunos participantes do estudo. Os discentes representantes das turmas que o realizaram, apresentaram num telão para outras turmas de alunos da escola, as imagens coletadas com as respectivas reflexões criadas pelo grupo. Neste seminário também foi realizada a exposição dos poemas, desenhos e paródias, bem como os trabalhos de expressão corporal criados pelos alunos. Apresentou-se também o resultado da pesquisa aplicada com as considerações finais.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

A seguir serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa. Na tentativa de facilitar o entendimento do leitor, foram criados quadros demonstrativos. O primeiro quadro demonstra os níveis de distorção da imagem corporal, conforme o índice. O segundo e terceiro são relativos ao questionário que avalia a distorção da imagem corporal (BSQ) masculino e feminino. Os outros estão relacionados ao segundo questionário sobre a cobrança social do corpo (QSC) masculino e feminino.

Quadro 1: Demonstração da classificação dos níveis de distorção da Imagem Corporal Segundo Di Pietro (2002).

1.º nível	< 80	Ausência de distorção da imagem corporal
2.º nível	80 a 110	Leve distorção da imagem corporal
3.º nível	110 a 140	Distorção moderada da imagem corporal
4.º nível	> 140	Grave distorção da Imagem corporal

Quadro 2: Resultado do (BSQ) Aglutinado por série- Feminino.

Séries	Total alunas	Índice	Distorção da imagem corporal
7 ^a séries	33	72.0	Ausência de distorção da imagem corporal
8 ^a séries	17	71.2	Ausência de distorção da imagem corporal
1 ^o anos	57	86.2	Leve distorção da imagem corporal
2 ^o anos	52	91.3	Leve distorção da imagem corporal
3 ^o anos	76	77.1	Leve distorção da imagem corporal
4 ^o anos	76	87.5	Leve distorção da imagem corporal
Geral	311	82.8	Leve distorção da imagem corporal

Quadro 3: Resultado do (BSQ) Aglutinado por série- Masculino.

Séries	Total-alunas	Índice	Distorção da imagem corporal
7 ^a séries	22	55.1	Ausência de distorção da imagem corporal
8 ^a séries	6	42.6	Ausência de distorção da imagem corporal
1 ^o anos	3	63.0	Ausência de distorção da imagem corporal
2 ^o anos	7	59.5	Ausência de distorção da imagem corporal
3 ^o anos	4	71.7	Ausência de distorção da imagem corporal
4 ^o anos	10	66.2	Ausência de distorção da imagem corporal
Geral	52	57,3	Ausência de distorção da imagem corporal

Obs: A tabulação do questionário (BSQ) de forma acumulada, ocorre da seguinte maneira. Soma-se o número de respostas 1, o número de respostas 2, O número de respostas 3, o número de respostas 4; o número de respostas 5; o número de respostas 6 e multiplica-se pelo número correspondente. Ex: Resultado das respostas 1 que representa nunca x 1; resultado das respostas 2 que representa raramente x 2; resultado das respostas 3 que significa as vezes x 3; resultado das respostas 4 que significa frequentemente x 4; resultado das respostas 5 que significa muito frequentemente x 5; resultado da resposta 6 X 6 que significa sempre. Soma-se os totais e divide-se pelo número de questionários. Exemplo do feminino: Total de pontos 25.776 dividido pelo número de questionários aplicados 311, apresenta o resultado de 82.8 que significa leve distorção da imagem corporal.

Quando analisamos o questionário individualmente o método é mais simples, bastando somar os números. Ex:

Resposta 1 um ponto; resposta 2 dois pontos; resposta 3 três pontos; resposta 4 quatro pontos; resposta 5 cinco pontos e resposta 6 seis pontos e verifica-se o total de pontos. Por exemplo, se a pessoa marcar oito respostas na opção 1, cinco respostas na opção 2, dez na opção 3, uma na opção 4, seis na opção 5 e quatro na opção 6 terá um total de terá um índice de 106 o que significará leve distorção da imagem corporal.

ANALISE DO QUESTIONÁRIO (BSQ)- FEMININO.

Na análise geral o índice ficou em 82.8 demonstrando que há uma leve distorção da imagem corporal.

Na análise detalhada, feita aluno por aluno, nas respectivas séries, foram encontrados estes resultados: A sétima série apresentou um resultado de 72.0, que significa ausência de distorção da imagem corporal. Analisando caso a caso encontrou-se 01 caso grave, 04 casos moderados e 08 casos leves, em um universo de 33 alunas. A oitava série apresentou um resultado de 71.2 que significa ausência de distorção da imagem corporal. Analisando-se caso a caso encontrou-se 01 caso leve; 03 casos moderados e 01 caso grave, em um universo de 17 alunas. Os primeiros anos apresentaram um resultado de 86.2, o que significa grau de distorção leve. Analisando-se caso a caso, encontrou-se 16 casos leves; 04 casos moderados e 09 casos graves, em um universo de 57 alunas. Os segundos anos apresentaram um resultado de 91.3 que significa distorção leve da imagem corporal, Analisando-se caso a caso, encontrou-se 17 casos leve, 15 casos moderados e 02 graves, em um universo de 52 alunas. Os terceiros anos apresentaram um resultado de 77.1, que significa não haver distorção de imagem. Analisando-se caso a caso encontrou-se 13 casos leves, 06 moderados e 02 casos graves, em um universo de 76 alunas. Os quartos anos apresentaram um resultado de 87.5, o que significa leve distorção de imagem corporal. Analisando-se caso a caso encontrou-se 19 casos leves, 17 casos moderados e 03 casos graves, em um universo de 76 alunas.

As medidas dos escores de Di Pietro (2002), em seu trabalho de validação do questionário envolvendo 164 indivíduos, resultou em 58.7 para o sexo masculino e 89.7 para o sexo feminino. Se compararmos com os resultados obtidos por este estudo perceberemos que os valores são aproximados, variando para mais e para menos conforme a série.

ANALISE DO QUESTIONÁRIO (BSQ) – MASCULINO.

O resultado geral masculino foi de 57.3, o que indica ausência de distorção da imagem corporal. Analisando-se caso a caso nas respectivas séries encontraremos o seguinte resultado: A sétima série apresentou um

resultado de 55.1, que indica ausência de distorção da imagem corporal. Analisando-se caso a caso, encontrou-se somente 01 caso leve, em um universo de 22 alunos. A oitava série apresentou um resultado de 42.6 pontos, que significa ausência de distorção da imagem corporal. Analisando caso a caso encontrou-se 01 caso leve em um universo de 06 alunos. Os primeiros anos apresentaram um resultado de 63.0 pontos que significa ausência de distorção da imagem corporal. Analisando caso a caso encontrou-se 01 caso leve, em um universo de 03 alunos. Os segundos anos apresentaram um resultado de 59.5, que significa ausência de distorção da imagem corporal. Analisando-se caso a caso encontrou-se 01 caso moderado em um universo de 07 alunos. Os terceiros anos apresentaram um resultado de 71.7 que significa ausência de distorção da imagem corporal. Analisando-se caso a caso encontrou-se 01 caso grave em um universo de 04 alunos. Os quartos anos apresentaram um resultado de 66.2 que significa ausência de distorção de imagem corporal. Analisando-se caso a caso encontrou-se 01 caso leve e 01 caso moderado em um universo de 10 alunos.

OBS: Foram ignorados 03 questionários masculinos por estarem com várias questões em branco.

Na seqüência serão mostrados os resultados do questionário sobre o corpo (QSC) com as discussões das respostas.

Quadro 04: Resultados do (QSC) – Feminino. Influência da mídia sobre o corpo Aglutinado por série

Numero alunos	Cobrança família	Cobrança namorado	Cobrança sociedade	Cobrança pessoal	Sofrimento	Total Series
7 ^a série 33	1- 23	1- 28	1- 28	1- 17	1- 25	1- 121
	2- 02	2- 02	2- 01	2- 05	2- 04	2- 014
	3- 02	3- 02	3- 03	3- 05	3- 03	3- 015
	4- 03	4- 01	4- 00	4- 02	4- 01	4- 007
	5- 00	5- 00	5- 00	5- 01	5- 00	5- 001
	6- 03	6- 00	6- 01	6- 03	6- 00	6- 007
8 ^a série 17	1-14	1- 16	1- 15	1- 08	1- 12	1- 0 65
	2- 02	2- 00	2- 00	2- 03	2- 00	2- 005
	3- 00	3- 01	3- 01	3- 03	3- 02	3- 007
	4- 00	4- 00	4- 00	4- 01	4- 01	4- 002
	5- 00	5- 00	5- 00	5- 00	5- 01	5- 001
	6- 01	6- 00	6- 01	6- 02	6- 01	6- 005
1 ^o anos	1- 36	1- 47	1- 25	1- 12	1- 28	1- 148
	2- 04	2- 03	2- 13	2- 12	2- 08	2- 040
	3- 07	3- 04	3- 04	3- 12	3- 06	3- 033

56	4- 05	4- 01	4- 03	4- 04	4- 05	4- 018
	5- 00	5- 00	5- 03	5- 07	5- 05	5- 015
	6- 04	6- 01	6- 08	6- 09	6- 04	6- 026
2 ^o anos 72	1- 42	1- 58	1- 23	1- 20	1- 34	1- 177
	2- 09	2- 06	2- 13	2- 13	2- 12	2- 053
	3- 09	3- 08	3- 16	3- 16	3- 12	3- 061
	4- 02	4- 00	4- 05	4- 05	4- 06	4- 018
	5- 02	5- 00	5- 02	5- 00	5- 02	5- 006
	6- 08	6- 00	6- 13	6- 18	6- 06	6- 045
3 ^o anos 57	1- 41	1- 49	1- 30	1- 24	1- 37	1- 181
	2- 07	2- 03	2- 09	2- 05	2- 08	2- 032
	3- 05	3- 04	3- 06	3- 19	3- 04	3- 038
	4- 01	4- 01	4- 04	4- 02	4- 03	4- 011
	5- 00	5- 00	5- 03	5- 01	5- 01	5- 005
	6- 03	6- 00	6- 05	6- 06	6- 04	6- 018
4 ^o anos 76	1- 41	1- 50	1- 17	1- 26	1- 44	1- 178
	2- 10	2- 13	2- 14	2- 10	2- 10	2- 057
	3- 12	3- 07	3- 13	3- 27	3- 14	3- 073
	4- 05	4- 01	4- 07	4- 03	4- 00	4- 016
	5- 05	5- 02	5- 03	5- 03	5- 02	5- 015
	6- 03	6- 03	6- 22	6- 07	6- 06	6- 041
Total 311	1-197	1- 248	1- 138	1-107	1- 180	1- 870
	2- 34	2- 27	2- 50	2- 48	2- 42	2- 201
	3- 35	3- 26	3- 43	3- 82	3- 41	3- 227
	4- 16	4- 04	4- 19	4- 17	4- 16	4- 072
	5- 07	5- 02	5- 11	5- 12	5- 11	5- 043
	6- 22	6- 04	6- 50	6- 45	6- 21	6- 142
	4. ^o lugar	5. ^o lugar	2. ^o lugar	1. ^o lugar	3. ^o lugar	

Legenda:

1- nunca; 2- raramente; 3- às vezes; 4- frequentemente; 5- muito frequentemente; 6- sempre

ANALISE DO QUESTIONÁRIO (QSC)- FEMININO.

Na análise dos resultados percebe-se que a maioria das pessoas não percebe a cobrança da família, do(a) namorado(a), da sociedade ou se cobra ou sofre por causa do corpo padronizado. Mas, uma grande parcela dos entrevistados percebe esta cobrança. Em primeiro lugar aparece a cobrança pessoal, por não ter um corpo igual ao padronizado pela mídia. Em segundo lugar aparece a cobrança da sociedade. Em terceiro lugar o sofrimento pessoal por não ter este corpo igual ao padronizado. Em quarto lugar a cobrança da família. Em quinto a cobrança do namorado ou a namorada. É claro que o namorado e a família estão inseridos na sociedade, mas o objetivo foi detalhar para perceber com especificidade esta cobrança. Se pensamos que nenhum ser humano é igual ao outro e que não deveria haver esta cobrança até por respeito às diferenças e características pessoais, este resultado se torna alarmante. Temos que

levar em conta também que a pesquisa foi feita antes do estudo teórico, e existe carência de uma análise crítica em relação ao capitalismo e como este poder comanda a mídia que influencia as pessoas de forma perversa na questão corporal. Se este questionário fosse aplicado depois os resultados provavelmente seriam bem diferentes, pois se percebe que os alunos ficavam surpresos com o que liam em relação à influência da mídia e que esta é comandada pelo capitalismo.

Quadro 5: Resultados do (QSC)- Masculino - Influência da mídia sobre o corpo.

Numero alunos	Cobrança família	Cobrança namorado	Cobrança sociedade	Cobrança pessoal	Sofrimento	Total Série
7ª série 22	1-21	1-15	1-18	1-12	1-17	1- 83
	2-00	2-03	2-02	2-03	2-01	2- 09
	3-00	3-01	3-00	3-02	3-03	3- 06
	4-00	4-00	4-00	4-01	4-00	4- 01
	5-00	5-01	5-01	5-01	5-01	5- 04
	6-01	6-02	6- 01	6-03	6-00	6- 07
8ª série 6	1-05	1-05	1-04	1-04	1-06	1- 24
	2-00	2-00	2-01	2-01	2-00	2- 02
	3-00	3-00	3-00	3-00	3-00	3- 00
	4-00	4-00	4-00	4-00	4-00	4- 00
	5-00	5-00	5-00	5-00	5-00	5- 00
	6-01	6-01	6-01	6-01	6-00	6- 04
1º anos 3	1-02	1-02	1-01	1-01	1-01	1- 07
	2-00	2-00	2-00	2-00	2-00	2- 00
	3-00	3-00	3-01	3-01	3-01	3- 03
	4-01	4-01	4-00	4-00	4-01	4- 03
	5-00	5-00	5-00	5-00	5-00	5- 00
	6-00	6-00	6-01	6-01	6-00	6- 02
2º anos 7	1-07	1-07	1-03	1-04	1-04	1- 25
	2-00	2-00	2-01	2-00	2-02	2- 03
	3-00	3-00	3-01	3-01	3-00	3- 02
	4-00	4-00	4-01	4-01	4-00	4- 02
	5-00	5-00	5-00	5-00	5-00	5- 00
	6-00	6-00	6-01	6-01	6-01	6- 03
3º anos 2	1-02	1-02	1-01	1-00	1-01	1- 06
	2-00	2-00	2-00	2-01	2-01	2- 02
	3-00	3-00	3-00	3-00	3-00	3- 00
	4-00	4-00	4-00	4-01	4-00	4- 01
	5-00	5-00	5-00	5-00	5-00	5- 00
	6-00	6-00	6-01	6-00	6-00	6- 01
4º anos 10	1-09	1-10	1-04	1-04	1-06	1- 33
	2-01	2-00	2-00	2-00	2-02	2- 03
	3-00	3-00	3-02	3-04	3-02	3- 08
	4-00	4-00	4-02	4-01	4-00	4- 03
	5-00	5-00	5-01	5-00	5-00	5- 01
	6-00	6-00	6-01	6-01	6-00	6- 02
Total: 50	1-46	1-41	1-31	1-25	1-35	1- 178
	2-01	2-03	2-04	2-05	2-06	2- 019
	3-00	3-01	3-04	3-08	3-06	3- 019
	4-01	4-01	4-03	4-04	4-01	4- 010
	5-00	5-01	5-02	5-01	5-01	5- 005
	6-02	6-03	6-06	6-07	6-01	6- 019
	5º lugar	4º lugar	2º lugar	1º lugar	3º lugar	

Legenda:

1- nunca; 2- raramente; 3- às vezes; 4- frequentemente; 5- muito frequentemente; 6- sempre

ANALISE DO QUESTIONÁRIO (QSC)- MASCULINO

É sabido que historicamente o corpo do homem sempre sofreu menos cobrança em relação ao padrão de beleza se comparado ao corpo da mulher, mas hoje já se percebe esta cobrança de forma acentuada também em relação ao homem.

Se comparado com o resultado do questionário feminino, percebe-se que quase não ocorreram mudanças em relação às cobranças, pois também aparece em primeiro lugar a cobrança pessoal, por não ter um corpo igual ao padronizado pela mídia. Em segundo lugar aparece a cobrança da sociedade. Em terceiro lugar o sofrimento pessoal por não ter este corpo igual ao padronizado. Em quarto lugar a cobrança da(o) namorada(o) e em quinto lugar a cobrança da família. Nota-se também que os índices são menores que os das garotas, o que coincide com a literatura estudada.

Pode-se fazer a mesma observação em relação à falta de uma análise crítica do sistema capitalista e a relação deste poder na mídia, que foi feita em relação as respostas femininas.

ANALISE GERAL DOS RESULTADOS

Analisando-se a pontuação relacionada às séries, quando estudado caso a caso, as garotas aparecem com maior incidência de casos de distorção da imagem corporal, embora o número de garotos entrevistados tenha sido menor. É notório que, proporcionalmente as garotas estão com maior distorção da imagem corporal, embora os garotos não estejam livres disto.

Outro fato que nos chama a atenção é que a incidência também é maior no ensino médio. Na sétima e oitava série, na análise de dados aglutinados por série, não houve distorção da imagem, já nos segundos, terceiros e quartos houve uma leve distorção da imagem corporal, conforme se verifica no quadro 2 e 3, embora existam alguns casos de distorção da

imagem em todas as turmas, como se observa abaixo quando se faz uma análise detalhada das séries separadamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos a história do corpo, percebe-se que este nunca deixou de ser dominado e mesmo que atualmente tenha se libertado de muitas amarras, ainda se encontra aprisionado de uma outra forma. É inegável o poder mágico que a mídia possui sobre as pessoas. A publicidade ostensiva dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisiva tem imposto como sinônimo de felicidade e sucesso um modelo corporal padronizado, onde a maioria das pessoas não se reconhece, mesmo assim idealiza e procura atingir a qualquer custo. Corpo este, que deixa de ser indivíduo para se tornar espelho de um modelo midiático idealizado e submetido a constantes práticas transformadoras da aparência.

Este corpo construído no inconsciente das pessoas pelo poder midiático, está influenciando de maneira perversa a auto-estima e auto-imagem dos pré-adolescentes e adolescentes, principalmente em relação ao corpo feminino, causando um sofrimento psíquico, como relatos encontrados na pesquisa teórica deste trabalho, e constatado pelas respostas dos questionários aplicados neste estudo, fazendo-se necessário estar presente no currículo escolar conteúdos que proporcionem reflexão sobre o corpo historicamente construído, que questionem as atuais transformações que o corpo vem sofrendo: a objetualização, a fragmentação, a mercantilização, a exploração, a canonização, a desapropriação do próprio corpo, dentre outras, provocando reflexões de como a mídia interfere nesta cultura de consumo em um sistema capitalista, pois não podemos esquecer que a escola encontra-se imersa em uma sociedade marcada por uma cultura consumista, que vem produzindo mudanças bruscas em relação aos valores individuais e coletivos.

A escola necessita criar possibilidades para esses sujeitos ocuparem seus lugares e funções na sociedade, com consciência crítica, procurando se conhecer e se compreender profundamente. Compreender o contexto histórico do corpo, sua singularidade, sua cultura e sua inserção social. Ser

respeitado e valorizado enquanto sujeito que necessita ser compreendido em todas as suas dimensões, que necessita ser respeitado na sua singularidade, valorizado como ser único, que faz parte de uma sociedade de forma orgânica, com responsabilidade individual e coletiva,

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maira Pego. Adolescentes e autoconceito: Um estudo sobre a constituição social e histórica da subjetividade no contexto escolar. **GT Psicologia da educação/** n 20 Agência financiadora CAPES, 2005.

APOSTÓLICO, Cimara. **Telenovela: O olhar capturado. Construção da tríade telespectador, corpo e imagem.** São Paulo: PUC, 2006. (Dissertação de mestrado).

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo.** Rio de Janeiro: Ed. Elfos, 1995.

BRANDL NETO, Inácio. Uma breve visão do corpo na história da filosofia ocidental. In PERES, L.S. **Educação Física: Abordagem histórica do corpo e novas perspectivas.** Cascavel: Edunioeste, 1998.

BRANDL, Carmem. Dualidade corpo-Mente e paradigmas da Educação Física. In PERES, L.S. **Educação Física: Abordagem histórica do corpo e novas perspectivas.** Cascavel: Edunioeste, 1998.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria. **Videologias.** São Paulo: Ed boitempo, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder uma análise da mídia.** São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres.** Rio de Janeiro. Ed. Copyright, 2005.

DI PIETRO, Mônica. **Validade interna, dimensionalidade e desempenho da escala BSQ- “BODY SHAPE Questionnaire” em uma população de estudantes universitários.** Banco de Teses, (2002). <http://www.unifesp.br/dpsiq/posgrad/teses.htm>

ERNEST-PEREIRA, Aracy. **A construção do corpo através do discurso. Escatologias no espaço escolar.** Universidade Católica de Pelotas. 2005.

FERNANDES, Maria H. **Corpo. Clínica psicanalítica.** São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo. Livraria e editora Ltda, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Rio de Janeiro. Ed. vozes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, Ltda, 1988.

FREUD, Sigmund. Volume XXI **O Futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: edição standard brasileira Ed. Imago, 1995.

GORZ, André. **Carta a D. História de um amor.** São Paulo, Annablume, 2008.

NATALIE, Kathia. Diante do espelho. **Revista mente cérebro**, Ed. De aniversário, n 164, setembro de 2006 (p. 65 a 69).

PIANA, Madeleine; FRADE, Isabel Cristina. Mediações sociais na construção dos valores estéticos corporais femininos. Trabalho

apresentado ao NP 15. Semiótica da comunicação, **V encontro dos núcleos de pesquisa da intercom/ Minas Gerais, 2005.**

QUEVEDO, Marina. Texto originalmente publicado no site <http://www.estadão.com.br/artigodoleito/htm/2003/fev/13/289.htm> em 13 de fevereiro de 2003. **A banalização da TV. O corpo da mídia. O corpo do Homem.**

SANTIN, Silvino. **Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento.** Porto Alegre: EST edições, 2001.

SANTIN, Silvino. Corporeidade e educação motora: Confluências e divergências. **II congresso latino americano. III congresso brasileiro de educação motora.** Natal, 2000.

SANTIN, Silvino. **Textos malditos.** Porto Alegre: EST edições, 2002.

SERRA, Giane Moliari Amaral. Saúde e nutrição na adolescência: obesidade e corpo ideal. Escola Nacional de Saúde Pública. **Revista capricho. 136p.** 2001.

VILLAÇA, Nízia & GÓES, Fred. **Em nome do corpo.** Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

Agradecimentos

Agradeço ao meu Orientador Professor Inácio Brandl Neto, Mestre em Educação/Educação Motora, estudioso e pesquisador do tema corpo, com vários artigos escritos e publicados sobre o tema, que me orientou de forma desprendida e atenciosa em todos os momentos que necessitei. Sua contribuição foi de fundamental importância para a realização deste trabalho. Aos meus alunos, peça fundamental deste trabalho, a nossa coordenadora Carmem, aos nossos queridos professores, aos colegas, pela

troca de experiência e carinho, as coordenadoras do NRE, a minha família pela compreensão da divisão de tempo e a Secretaria de Estado de Educação por este incentivo educacional de fundamental importância para o aperfeiçoamento e melhoria da educação. A todos que contribuíram com este trabalho.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO DE IMAGEM CORPORAL (BSQ)

Gostaria de saber como você vem se sentindo em relação a sua aparência nas últimas quatro semanas. Por favor, leia cada questão **e faça um círculo no número apropriado**. Use a legenda abaixo.

1. Nunca 2. Raramente 3. Às vezes 4. Frequentemente 5. Muito frequentemente 6. Sempre

Por favor, responda a todas as questões.

Nas últimas 4 semanas:

1. Sentir-se entediado(a) faz você se preocupar com sua forma física? **1 2 3 4 5 6**

2. Você tem estado tão preocupado(a) com sua forma física que chega ao ponto de sentir que deveria fazer dieta? **1 2 3 4 5 6**
3. Você acha que suas coxas, quadris ou nádegas são grandes demais para o restante de seu corpo? **1 2 3 4 5 6**
4. Você tem sentido medo de ficar mais gordo ou gorda? **1 2 3 4 5 6**
5. Você se preocupa com o fato de seu corpo não ser suficientemente firme? **1 2 3 4 5 6**
6. Sentir-se satisfeito(a), por exemplo, (após ingerir uma grande refeição), faz você sentir-se gordo(a)? **1 2 3 4 5 6**
7. Você já se sentiu tão mal a respeito de seu corpo que chegou a chorar? **1 2 3 4 5 6**
8. Você já evitou correr pelo fato de que seu corpo poderia balançar? **1 2 3 4 5 6**
9. Estar com mulheres ou homens magros ou magras, faz você se sentir preocupado(a) em relação a sua forma física? **1 2 3 4 5 6**
10. Você já se preocupou com o fato de suas coxas poderem se espalhar quando você senta? **1 2 3 4 5 6**
11. Você já se sentiu gordo(a) mesmo após ingerir uma pequena quantidade de comida?
1 2 3 4 5 6
12. Você tem reparado na forma física de outras mulheres ou outros homens, e ao se comparar, sente-se em desvantagem? **1 2 3 4 5 6**
13. Pensar na sua forma física interfere em sua capacidade de se concentrar em outras atividades (p. ex., ver televisão, ler ou acompanhar uma conversa)? **1 2 3 4 5 6**
14. Ao estar nu (nua), por exemplo, durante o banho, faz você se sentir gordo(a)? **1 2 3 4 5 6**
15. Você tem evitado usar roupas que fazem você notar as formas do seu corpo? **1 2 3 4 5 6**
16. Você se imaginou cortando partes de seu corpo? **1 2 3 4 5 6**
17. Comer doces, bolos ou outros alimentos ricos em calorias faz você se sentir gordo(a)?
1 2 3 4 5 6
18. Você já deixou de participar de eventos sociais (por exemplo, festas) por se sentir mal em relação à sua forma física? **1 2 3 4 5 6**
19. Você se sente excessivamente grande e arredondado(a)? **1 2 3 4 5 6**
20. Você sente vergonha do seu corpo? **1 2 3 4 5 6**
21. A preocupação com sua forma física leva-o(a) a fazer dieta? **1 2 3 4 5 6**
22. Você se sente mais contente em relação a sua forma física quando seu estômago está vazio (por exemplo, pela manhã)? **1 2 3 4 5 6**

23. Você acredita que sua forma física atual decorre da falta de auto-controle? **1 2 3 4 5 6**

24. Você se preocupa com o fato de outros poderem estar vendo dobras na sua cintura ou abdômem? **1 2 3 4 5 6**

25. Você acha injusto que outras pessoas do mesmo sexo que o seu sejam mais magras que você? **1 2 3 4 5 6**

26. Você já vomitou para se sentir mais magro(a)? **1 2 3 4 5 6**

27. Quando acompanhado(a), você fica preocupado(a) em estar ocupando muito espaço (por exemplo, sentado(a) num sofá ou no banco de um ônibus)? **1 2 3 4 5 6**

28. Você se preocupa com o fato de estarem surgindo dobrinhas em seu corpo? **1 2 3 4 5 6**

29. Ver seu reflexo (por exemplo, em um espelho ou na vitrine de uma loja) faz você se sentir mal em relação ao seu físico? **1 2 3 4 5 6**

30. Você belisca áreas de seu corpo para ver o quanto há de gordura? **1 2 3 4 5 6**

31. Você evita situações nas quais outras pessoas possam ver seu corpo (por exemplo, vestiários ou banhos de piscina)? **1 2 3 4 5 6**

32. Você já tomou laxantes para se sentir mais magro(a)? **1 2 3 4 5 6**

33. Você fica mais preocupado(a) com sua forma física quando em companhia de outras pessoas? **1 2 3 4 5 6**

34. A preocupação com sua forma física leva você a sentir que deveria fazer exercícios?
1 2 3 4 5 6

Autores: COOPER e colaboradores (1987).

DI PIETRO. Validade interna, dimensionalidade e desempenho da escala BSQ- "BODY SHAPE Questionnaire" em uma população de estudantes universitários. Banco de Teses, (2002).

Obs: Neste questionário foram modificadas algumas expressões pela autora deste trabalho, para adaptá-lo a realidade escolar.